



ISSN: 2230-9926

Available online at <http://www.journalijdr.com>

IJDR

International Journal of Development Research

Vol. 11, Issue, 11, pp. 51991-52000, November, 2021

<https://doi.org/10.37118/ijdr.23313.11.2021>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

QUER QUE EU CONTE OUTRA VEZ? A MORTE E O LUTO RETRATADOS NOS CONTOS DE ANDERSEN

Rebeca Rezende Rosário¹, Mábilla Alves da Silva¹, Ellen Fernanda Klinger², Daniela Ponciano Oliveira³, Nathalia Pereira Bezerra¹, Victor Wilksonda Silva Santos Sousa¹, Andressa Saraiva Castilho¹ and Tainá Floriano Teixeira¹

¹Discentes do curso de Psicologia da Universidade de Gurupi

²Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Goiás, Docente do Departamento de Psicologia da Universidade de Gurupi

³Psicóloga, Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal do Pará

ARTICLE INFO

Article History:

Received 16th August, 2021

Received in revised form

26th September, 2021

Accepted 20th October, 2021

Published online 28th November, 2021

Key Words:

Contos; Luto; Morte;
Literatura Infantil; Cultura.

*Corresponding author:

Gilandeson Negreiros Caldas

ABSTRACT

Na literatura infantil a morte aparece direta e indiretamente no enredo dos personagens, em que os contos podem ter um papel importante para ajudar a criança a elaborar várias temáticas, dentre elas, a morte e o luto, como nas histórias de Hans Christian Andersen. Portanto, esta pesquisa propôs investigar como o tema morte e luto é apresentado nos contos de Andersen. Foi realizada uma pesquisa qualitativa, como revisão de literatura. Dentre os resultados da análise de 178 contos, pela extensão do material e variações com as traduções, foi escolhida uma coletânea com 77 contos do autor, dos quais foram selecionadas 29 histórias cujo enredo abordasse situações de morte e processo de luto pelos personagens. Foi averiguado que os contos são fontes de preparação para situações do cotidiano, sofrem influências do contexto histórico, cultural e religioso, bem como são ricos em conteúdo para diferentes fases do desenvolvimento humano. Diante dos resultados, considera-se que os contos do autor abordam mortes e lutos de diversas formas, assim como a forma de lidar com cada situação, com elementos não somente voltados para intervenções com crianças, mas com todas as faixas etárias.

Copyright © 2021, Rebeca Rezende Rosário et al. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Rebeca Rezende Rosário, Mábilla Alves da Silva, Ellen Fernanda Klinger, Daniela Ponciano Oliveira et al. "Quer que eu conte outra vez? A Morte e o Luto retratados nos Contos de Andersen", *International Journal of Development Research*, 11, (11), 51991-52000.

INTRODUCTION

Amorteé o mais amplo e mais incompreensível limite do homem, mas é condutora da fragilidade que leva significado à vida, pois não haveria incentivo o mesmo, se o tempo para realizar afazeres fosse ilimitado. Assim, conquistas e desejos seriam procrastinados pela maioria dos indivíduos, no entanto, tudo seria sem limites, sem sentido, e poucas coisas seriam motivação para as pessoas se movimentarem (CORSO; CORSO, 2011). Para a criança, a morte não se faz diferente, porém, o luto na infância é carregado por crenças, no qual em muitas culturas se subestima erroneamente a capacidade de compreensão da morte pelos pequenos. Na cultura ocidental, em sua maioria, a morte não é enfrentada com suavidade e nem mesmo com naturalidade. Genuinamente o homem tenta driblar e ignorar a morte a todo custo, entretanto, ainda não há o que impeça a morte. Com a evolução da medicina, depara-se com as experiências de delonga-la (KOVÁCS, 1992).

Trata-se de um fenômeno obscuro para o ser humano e, por isso, o homem refere-se a morte como algo exterior e generalizado, pois culturalmente, a morte não é conveniente (ÁRIES, 1981; PAIVA, 2011). Referência para instrução do entendimento da vida, assim a morte é definida para Áries (1981), o que demonstra que o circuito da destruição e da criação são eternos, não existindo apenas a destruição. Portanto se trata de um evento que completa a existência humana o que significa que cada gesto, cada pensamento, cada passo, cada emoção aproxima o homem da morte. Hans Christian Andersen (1805-1875) cidadão dinamarquês, foi um escritor de diversas literaturas, dentre elas, os famosos contos infantis, como "Soldadinho de Chumbo", "A Roupas Nova do Rei", "A Pequena Sereia", "Patinho Feio", e outros, os quais o consagraram como fundador da literatura infantil. Parte dos contos de Andersen foram criados por ele mesmo, já outras, ele aproveitou da memória cultural da população (GONGORA, 2007).

Cada literatura tem sua peculiaridade, há delas que trazem cultura e enriquecem a sensibilidade, outras, trazem mensagens inconscientes, tornando-se parte da vida do leitor. Não há como delimitar o papel da literatura, porém, independente de qual seja seu papel, sabe-se que este é de extrema relevância. Portanto, é fato que a literatura age sobre a vida da sociedade e sua matéria é naturalmente significativa (CORSO; CORSO, 2011; PAIVA, 2011). Estudos precursores de Bettelheim (2015) e de Von Franz (1974), bem como pesquisas conduzidas por Maria Paiva (1990), Sueli Hisada (1998), Celso Gutfreind (2003), Gilberto Safra (2005), Cleonice Zatti e Cristina Kern (2014), Maria Rocha (2020), e outros utilizam-se e validam a relevância dos contos para o psiquismo humano, em que afirmam que a literatura infantil exerce uma função terapêutica, pois possibilitam acesso de forma mágica à diversos sentimentos, como sofrimento, dores, angústias, assim como sentimentos positivos, por estes e outros motivos, os contos de fadas podem colaborar no desenvolvimento psíquico infantil. Além de serem prazerosos e simbólicos, é possível observar que os estudos mencionados anteriormente, consideram os contos como verdadeiros educadores de vida, pois são suportes metafóricos da construção simbólica do mundo para os indivíduos. Por isso, acreditam ser interessante um projeto político-pedagógico, para um maior proveito dos contos, para que estes amparem no processo da elaboração psíquica da criança, validando assim ainda mais estas obras literárias (CASTRO; STÜRMER, 2010).

Os contos trazem peculiaridades, como a combinação entre o realismo e o maravilhoso presente em seu conteúdo literário e, por isso, são um atrativo para adultos e crianças. Ademais, todos estão sujeitos a passar pelo processo do luto, e com os contos e literatura tem-se a possibilidade indireta e camuflada de auxiliar no encontro uma melhor forma de expressar e trabalhar com a morte rumo a elaboração do luto (BETTELHEIM, 2015). A partir disso, este estudo traz como o tema morte e luto na infância é apresentado nos contos de Andersen, devido o mesmo ser referência quando se acena aos contos e também por sua universalidade em suas obras, tendo como intuito de analisar de que forma é feita esta abordagem e se podem ser utilizados para a mediação do luto e quais as influências da época e da cultura de cada um, para isso, foi explorada a relevância que os contos têm diante do desenvolvimento humano, a sua pertinência diante da cultura ocidental e vice-versa, a interpretação da morte e luto na infância assim como a contribuição com profissionais que trabalham com crianças enlutadas e os temas mais relevantes mencionados nas histórias.

METODOLOGIA

Para a obtenção dos objetivos propostos neste estudo, foi utilizada uma revisão sistemática da literatura, com caráter exploratório-descritivo, abordagem qualitativa. A revisão sistemática da literatura é um método que consente o alcance de conhecimentos produzidos em uma determinada área, que possibilita o acesso a diversidade e complexidade de estudos relevantes em tempo, de modo ordenado e sintético (GALVÃO; SAWADA; TRECIZAN, 2004). Utilizou-se sites de periódicos científicos, como a Biblioteca Virtual em Saúde Psicologia Brasil (BVS-Psi), Periódicos CAPES; Biblioteca Digital de Teses e Dissertações - BDTD; Biblioteca digital da Universidade UnirG; livros físicos da Biblioteca Professor Roberval Lustosa de Aguiar da Universidade de Gurupi, bem como referencial adquirido para a pesquisa. Na busca pelo material, foram empregados os descritores - Descs de forma combinada em português e inglês para as bases de dados BVS-Psi e CAPES: “contos de fadas AND morte”/ “fairy tales AND death” ou “Histórias infantis AND morte”/ “children’sstories AND death” ou “Andersen AND morte”/ “Andersen AND death” ou “Contos AND morte AND luto”/ “tales AND death AND grief”. Cabe salientar que a busca nas bases CAPES e BVS-Psi foi de modo aberto (sem acesso pelo proxy de universidade conveniada), disponível ao público em geral. Foram incluídos artigos de periódicos nacionais e internacionais das bases de dados descritas anteriormente e publicados na língua portuguesa e inglesa, bem como livros, predominantemente de teoria psicanalítica, acerca do tema a ser pesquisado, independente do ano de publicação.

Ressalta-se que com relação ao tempo de publicação, o mesmo foi compreendido como fundamental por conter poucas publicações sobre o tema proposto e afins, como, inclusive, a psicanálise, que é constituída por teorias que surgiram ao longo da história sem datas certas e anos variados. Foram excluídos da pesquisa materiais que não se enquadravam na proposta do estudo e, referente aos artigos nas bases mencionadas, os que não abrangessem no título e/ou resumo o tema. Devido a extensão de publicações do autor, com vasto material, foi escolhido a exploração da obra "Os 77 melhores contos de Hans Christian Andersen", coletânea elaborada pela escritora Luciana Sandroni, em decorrência da mesma conter as principais e mais conhecidas histórias de Andersen. A obra mencionada contém 77 histórias que foram divididas em dois volumes e em três grandes conjuntos: contos do mar e do campo, contos domésticos e contos urbanos. Dentre 77 contos do autor foram selecionados 29 pertinentes ao tema. Para a seleção, as pesquisadoras efetuaram a leitura e releitura do material, o fichamento de todos os contos da obra referida e reuniões para discussão, análise e separação dos contos, seguida pela eliminação daqueles que não abordam sobre o luto e a morte. Por fim, elaborado os resultados e discussão sobre os mesmos. As buscas foram realizadas de agosto de 2020 a outubro de 2021, respeitando-se os critérios de seleção definidos. Ainda, devido à pesquisa não envolver contato direto com seres humanos, não foi necessário submetê-la ao Comitê de Ética e Pesquisa.

RESULTADOS

Após pesquisa aos contos de Andersen, inicialmente averiguou-se que a produção do autor resultava em mais de 178 histórias, traduzidas e recontadas em três idiomas, com variações de títulos e versões. Desta forma, após estudo e discussão acerca dos resultados preliminares da busca pelos contos, foi selecionada obra na versão original mais próxima, pois deve-se considerar as variações ocasionadas pelas traduções, neste caso para o português. A partir da seleção dos 77 contos de Andersen, traduzido por Luciana Sandroni e publicado em 2019 pela editora Nova Fronteira, foram encontrados 29 contos voltados aos objetivos deste estudo (Quadro 1).

DISCUSSÃO

Nesta sessão são abordados os contos de fadas, suas efetivações na cultura ocidental e suas influências diante da mesma, assim como sua relevância para o desenvolvimento psíquico do ser humano. Posteriormente, a interligação entre a morte, o luto e a infância, deixando evidente a importância de se trabalhar essa temática com crianças. Por fim, a discussão das principais temáticas abordadas nos contos escolhidos como, o crescer, ciclo de vida, resolução de impasse, aceitação da morte, valorização, afeto e relações perigosas/impossíveis e outros.

CONTOS DE FADAS: CULTURA A DESENVOLVIMENTO HUMANO: Em sua origem, os contos surgiram como poemas e narrativas destinados ao público adulto, eram um tipo de entretenimento, comparável à internet da atualidade e o conteúdo censurado do público (MACHADO, 2010). No século XVII, que se iniciaram as primeiras coletâneas voltadas para o público infantil, no entanto, somente no século XIX, através de Chales Perrault, as obras infantis foram ganhando mais espaço na sociedade, e ao final do século, através dos irmãos Grimm, que os contos se tornaram conhecidos, por se tratarem de um contexto mais próximo dos leitores (COELHO, 2012; FALCONI, 2015). De certo modo, os contos são relativamente recentes, o que em parte deve-se ao fato de que até meados do século XIX grande parte da população ocidental era composta de analfabetos ou semianalfabetos, por isso a prosperidade dos contos no Ocidente é considerada muito recente (CARTER, 2007). Na época, grande parte dos contos de fadas tiveram origem em períodos em que a religiosidade predominava nos aspectos culturais. Com isso, a maioria das literaturas traziam consigo conteúdos religiosos, como demonstrado na obra O anjo de Andersen, porém estas características foram sendo menos repercutidas ao longo do tempo (BETTELHEIM, 2015).

Quadro 1. Contos selecionados e elementos sobre a morte

Conto	Quem morreu	Objetivo	Relação com a morte
O isqueiro	A bruxa.	Resolução de impasse; imortalidade (enganar x vencer); início da jornada; aceitação.	Ganho de benefícios.
Nicolau Grande e Nicolau Pequeno	Os cavalos do Nicolau pequeno; A avó do Nicolau pequeno; O Boiadeiro; O Nicolau grande.	Vingança, enganação; sobrevivência; beneficiação; aceitação da imagem do EU idealizada e real; confronto entre ser e poder.	Perdas de bens; ganho de benefícios; auto sabotagem; sufocamento pela falsa imagem; engano; morte do eu para sobrevivência.
As flores da pequena Ida	As flores.	Ciclo da vida.	Luta para sobreviver; exageros; aceitação.
O companheiro de viagem	O pai do protagonista; Todos os pretendentes da princesa; O mágico.	Passagem; ação; aceitação; sacrifício; resolução de impasse.	Zelo; cuidado; aceitação; desesperança; recompensa.
A pequena sereia	A protagonista.	Sacrifício; resolução de impasse.	Auto sacrifício; suicídio; perda de si; aceitação.
A margarida	A protagonista; O pássaro.	Salvação; vaidade.	Aceitação; perda da liberdade.
O soldadinho de chumbo	O protagonista e a bailarina.	Valentia; entrega; sacrifício; injustiça.	Dar novo sentido à vida; renascimento.
As cegonhas	Um dos bebês.	Punição.	Poder das palavras; indução; consequência dos atos.
O anjo	As crianças.	Renascimento para uma vida melhor; livrar-se do mal.	Religião; Fé; vida melhor após a morte; crianças especiais, anjos.
A rainha da neve	O espelho; O corvo.	Partes do que ainda se conserva, os receios, maldades; perda.	Crescer, enfrentar medos; ciclo da vida.
A menina dos fósforos	A protagonista.	Crítica social; abandono da criança; hipocrisia.	Desamparo; fragilidade humana; aconchego; recompensa posterior a vida.
A história de uma mãe	O filho	Sacrifício; desfecho mais ameno diante de uma possibilidade trágica.	Aceitação da perda; percurso para reparação.
A pastora e o limpador de chaminés	Ameaça de morte do avô da pastora.	Perda da relação anterior.	Crescimento; independência; confronto.
O pinheiro	O protagonista/ Pinheiro.	Descarte; punição.	Tragédia; antecipação; crítica a pressa e vaidade.
Bons vizinhos	A mãe pardal; O filhote mais novo.	Injustiça; recusa; desestagnação.	Encontro de abrigo; novas relações; medo; mudanças.
O rouxinol	O imperador.	Reconhecimento do outro; humildade.	Lição de vida.
A ave fênix	A protagonista.	Renovar; recriar para perpetuar em outro momento; capacidade de se reinventar.	Final de ciclos e renovação.
A história do ano	A rainha.	Mudanças.	Ciclos da vida; envelhecer; solidão com o ninho vazio.
O vento conta sobre Valdemar Daae e suas filhas	A esposa de Valdemar; Valdemar; Todas as filhas de Valdemar.	Resolução de impasse; punição.	Consequência dos atos; valorização da vida de todos.
O boneco de neve	O protagonista.	Entrega.	Aceitação; relações perigosas.
O pacto de amizade	O cervo; A família da menina; O pai do protagonista; Lobos.	Mudanças na vida dos personagens.	Sacrifício; sobrevivência.
Os sapatos vermelhos	A mãe biológica da protagonista; A mãe adotiva da protagonista; A protagonista.	Mudanças e fim do sofrimento.	Crítica a vaidade; desamparo; aceitação.
A avó	A protagonista.	Ciclo de vida.	Ciclo de vida.
A sombra	O sábio.	Beneficiação. Aviso.	Vingança.
Uma história	A esposa do pastor	Resolução de impasse; reflexão.	Aprendizado.
O livro mudo	O dono do livro.	Desfecho.	Apego; saudade.
A velha pedra do cemitério	O casal protagonista.	Despertar lembranças de afeto; empatia.	Perda; saudades.
Um desgosto profundo	O cachorro.	Honrar a memória com ritual de despedida.	Desgosto; dor por não poder se despedir; a importância de participar dos rituais de despedida.
Ela não servia para nada	O irmão do prefeito; O esposo da protagonista; A protagonista.	Perda; arrependimento; resolução de impasse; alívio.	Morte vazia; arrependimentos diante da negação do que poderia ter vivido.

Contribuiu para a propagação dos contos o programa Great Books (Grandes livros) desenvolvido por educadores em 1920 com o principal objetivo de dar acesso a população ocidental as obras literárias de forma mais acessível (NEWMAN, 2015). Atualmente, os contos já traduzidos em todo o ocidente têm sido inspirações para a criação de novas obras de arte, como balés, teatros, óperas, filmes dentre outros (COELHO, 2012).

Pode-se aferir que é nítida a importância dos contos e histórias, no entanto, existem aspectos culturais que precisam ser considerados na compreensão, pois existem diferenças e nem todas as crianças têm acesso ou conhecem as mesmas histórias. Um conto aqui no Brasil provavelmente não é conhecido ou tem o mesmo teor na China ou Índia. Os contos de Andersen partem de uma perspectiva histórico-cultural predominantemente ocidental, como exemplo o conto O

rouxinol. Toma-se por ocidental qualquer sociedade que seja industrializada, desenvolvida, capitalista, urbanizada, moderna e secular. Atualmente qualquer povo que compartilha essas propriedades, independentemente de sua localização geográfica, pode ser considerado como pertencente ao Ocidente. A definição desse termo é, portanto, equivalente a palavra moderno (HALL, 2016). Corroborando, em *A psique japonesa: Grandes temas dos contos de fadas japoneses*, de Kawai (2007), o autor aborda algumas diferenças entre os contos japoneses e de outras culturas, como por exemplo, O rouxinol que no conto de Andersen é exibido como um pássaro esquecido ao decorrer do enredo, na versão japonesa o mesmo é representado por uma linda mulher, educada e elegante. Ambas as versões vangloriam o pássaro, por sua esplendida beleza. Os contos ocidentais facilmente são aplicáveis a qualquer realidade, pois são considerados generalistas e buscam manter suas tradições oral, irracional e a incorporação dos mitos (NEUMANN, 2017). A tradição ocidental trouxe características peculiares em suas histórias, como noivos animais, tendo iniciado no século II d.C, com o mito “Cupido e Psique”, que não é mais considerado um conto, mas deu essa tendência aos contos ocidentais (BETTELHEIM, 2015). Nos contos desta cultura as princesas apresentam-se como mulheres de perfeição, providas, de capacidades divinas. Elas aguçam o desejo pela beleza e o culto, o que reforça os padrões de beleza ocidentais que em sua maioria são inalcançáveis. O realce da mulher inevitavelmente percorre pela sua aparência (BORGES & RODRIGUES, 2018). Entretanto, quando empregam poderes a personagens femininas, se convertem em pecadoras, portanto, bruxas, como retratado no conto de Andersen O companheiro de viagem pela personagem da princesa que por ter poder era vista como endemoninhada. Estas são continuamente vinculadas aos papéis de heroínas nas narrativas, ao mesmo tempo que a bruxa é vista como uma pessoa poderosa, mas cruel, se projeta na imaginação como um papel distinto no universo feminino. Outra tradição dos contos ocidentais enfatizam um amor puro. Aspecto amplamente difundido pela cultura cristã, um amor visto como o grande meio da perfeição e plenitude, sendo fatal e indestrutível com sua perda representando destruição, a morte (COELHO, 2012). Em Andersen tais aspectos podem ser identificados, onde a maioria das narrativas que possuem princesas há a polarização, variando de casamentos e felicidade ou ocorre a abdicação até da própria vida em nome desse amor idealizado, a exemplo dos populares contos A pequena sereia e O boneco de neve.

As histórias lidas e ouvidas desde o nascimento de um indivíduo, seja ele de qualquer cultura, em quantidade moderada, proporcionam uma experiência sadia para essa criança, incentivando-a a realizar uma leitura da vida e do mundo, ideal para os projetos de vida dessas pessoas, por isso a importância de se falar sobre a relevância para o desenvolvimento dos contos (RODRIGUES, 2015). Crianças têm necessidades para se desenvolverem melhor, e pode-se incluir aqui, os objetos industrializados, ciências e culturas (BRITTOS, 2016). Assim como os contos, há décadas games, desenhos, filmes e brinquedos chamam a atenção das pessoas. Os pequenos adoram coisas novas, e quando esses vivem em um ambiente que os estimulam, aguçam sua curiosidade, logo serão indivíduos mais desenvolvidos, por isso a importância de incentivar o brincar e as fantasias envolvidas nesse processo. Essas fantasias são buscadas através de brinquedos, televisão, celular, jogos, colegas, teatros e literatura, incluindo os contos (CORSO; CORSO, 2013). Os contos de fadas são uma das literaturas mais atraentes para o público infantil e adulto, constituindo um bom instrumento de princípios éticos, principalmente, quando aplicados na primeira infância. Crianças que crescem sem poesias, canções e contos podem se tornar indivíduos mais pobres espiritualmente, cognitivamente, culturalmente e moralmente, em relação a outras (RODRIGUES, 2015). As literaturas infantis têm um papel importante para a formação da moral da criança, onde a maioria aborda conteúdos que contêm situações que levam a reflexão sobre diversas questões éticas, além de serem também veículos de valores, saberes e atitudes, por isso são considerados instrumentos culturais (RODRIGUES, 2015). A boa literatura, conforme Corso e Corso (2013), é aquela que confronta o indivíduo, aplicando uma insatisfação momentânea, o que gera um desenvolvimento de uma sensibilidade inconformista, tornando esse,

um indivíduo mais adaptado para a infelicidade, além de possibilitar gerar o desenvolvimento da percepção, imaginação e criação. É através do contato de forma ensaiada com vários papéis sociais, o que pode corroborar com a construção da personalidade desse ser, além de gerar uma troca de experiências, promoção da socialização e maiores chances de inserção no grupo social. Não é o único meio, mas os contos podem ser um deles, para auxiliar a criança a superar suas dificuldades e a lidar com a ansiedade, o que favorece o desenvolvimento da persona, pois neles são ilustrados conflitos reais, que fazem parte do dia a dia, trazendo sempre uma lição consigo (BRITTOS, 2016). Os contos, dão acesso a criança aos problemas mais íntimos como medos, desejos e curiosidades e também lhes dão soluções consideradas corretas, e podem ser aplicadas em qualquer sociedade e cultura (BETTELHEIM, 2015).

Precursor na área dos contos, Bettelheim (2015) enfatiza que no âmbito psicológico os significados que os contos podem ter esferas emocionais, diversão, linguagem e conteúdos advindos do inconsciente. O autor retrata significados e conteúdos inconscientes que podem ser vivenciados como dilemas reais como: conflitos entre mães e filhas, madrastas e enteadas, carências afetivas, desejos sexuais, entre outros, além das possibilidades de projeção e de identificação que podem haver. Nesse sentido, a sexualidade acaba sendo uma das projeções que podem acontecer quando a criança tem contato com os contos de fadas, com base fundamentada na abordagem psicanalítica, por se tratar de uma área que tem seu alicerce nas questões da sexualidade infantil e no desenvolvimento psicosssexual. De forma inconsciente os contos fomentam este desenvolvimento psicosssexual, auxiliando na formação da personalidade da criança (BRITTOS, 2016). Por meio dos contos que a criança tem a oportunidade de entender a si própria e ao seu ambiente (BETTELHEIM, 2015). É importante ressaltar que os contos sozinhos não exercem poder de controle comportamental. Há uma série de fatores que se associam à história do indivíduo, levando a percepção alterada da realidade (CORSO; CORSO, 2013). O leitor/ouvinte é tomado por fatores inconscientes que podem desencadear tanto uma regressão quanto auxiliar no desenvolvimento de sua estrutura psíquica (BRITTOS, 2016).

Paiva (2011) em sua obra *A arte de falar da morte para crianças* aborda as histórias infantis, a literatura contemporânea e o tema morte como parte da educação infantil. A autora defende que a literatura infantil é um excelente recurso para lidar com a morte, tanto para crianças quanto educadores, por isso a importância de esses estarem presentes em qualquer ambiente em que o público infantil esteja inserido. Os contos também podem ser um precioso recurso nas terapias com adolescentes e adultos, como apontado por Gilberto SAFRA (2005), e no trabalho, através de psicoterapias com adultos, de Sueli HISADA (1998). Ambos mencionam que, as obras literárias possibilitam que adolescentes, jovens e adultos permitam que aspectos mais inconscientes sejam revividos de uma maneira não importuna e também podem fazer com que a pessoa integre as partes desagregadas do seu eu, dando sentido para suas experiências.

MORTE, LUTO E CRIANÇAS: A morte, seja em decorrência ao ciclo de vida, como retratado nos contos de Andersen *As flores da pequena Ida*, *A história do ano* e *A avó*, ou em implicação de tragédias como a atual pandemia ou até mesmo as guerras e os ataques terroristas em outros países divulgados diariamente pelos meios de comunicação, faz-se presente na sociedade (ESTÉS, 2005; PAIVA, 2011). Na infância, a criança pode se deparar com a morte de seu animal de estimação ou de uma pessoa, mas também pode enfrentar outros tipos de perdas e seu enlutar como a separação dos pais, a dor do Bullying ou com a incapacidade de conseguir algo. Com isso, a morte adquire uma ideia bem mais ampla, que abrange desde a morte física até o luto simbólico relativo as dores e frustrações (PAIVA, 2011; ABERASTURY, 2012). A morte tem sido explorada de forma literária por meio de desenhos animados e jogos eletrônicos, em que personagens enfrentam situações e conflitos em que os levariam a morte, porém, apresentam-se alternativas nestes enredos proporcionando a possibilidade de que essa morte seja driblada, por meio de bônus, vidas extras ou com a punição de voltar

um nível. Tudo isso pode gerar uma ideia de imortalidade para a criança (PAIVA, 2011). Desenhos animados e filmes como, a saga Crepúsculo, Vampirina, Monster High e outros que têm em comum personagens estrigas. Os vampiros, são fascinantes por conter neles uma certa humanidade e ao mesmo tempo não precisarem lidar com a morte, vivem por centenas de anos, por serem imortais, em sua maioria, permanecem na melhor fase da vida, na juventude, e quase sempre são apresentados como pessoas que pertencem a uma elite (CORSO; CORSO, 2011).

É possível afirmar que, vemos a banalização da morte exposta nos meios de comunicação (PAIVA, 2011), enquanto nos entretenimentos infantis, a imortalidade (CORSO; CORSO, 2013). Por vezes, essas temáticas têm impactado públicos diferentes de maneiras dessemelhantes, pois a morte é um acontecimento incontrolável, o que intensifica o sentimento de insegurança e vulnerabilidade diante do desconhecido (COSTA, 2019). Em determinadas culturas não se tem o hábito de abordar sobre a morte com o público infantil, em que os adultos se sentem desconfortáveis e inseguros, por temerem suas possíveis consequências ou não saberem como retratar esse tema com as crianças. Assim, preferem deixar esse tema ainda mais escasso, como se a morte pertencesse ao conjunto de assuntos proibidos para crianças que são impedidas de participarem do processo da morte e de seus rituais (COSTA, 2019). Cabe-se salientar que a mentira ou a omissão para a criança somente subestima a sua capacidade de compreender sua realidade e de entender os processos da morte. Têm-se o conceito errado de que prejudica psicologicamente a criança por contar a verdade a ela, devido sua pouca idade, por isso, é comum usarem os dogmas religiosos para esclarecer o inevitável como no conto de Andersen *O anjo*. No cristianismo, por exemplo, há duas formas de sustentar culturalmente o medo da morte e reforçar a crença da imortalidade: a ressurreição católica e a reencarnação espírita (DA SILVA, 2016). Como consequência, a criança pode apresentar dificuldade para elaborar as perdas que surgirão em sua vida como: a morte do animal de estimação, o brinquedo quebrado, a mudança de um amiguinho, a morte de alguma pessoa, entre outros. Tais decepções, dores, perdas e mortes podem causar sofrimento psíquico, provocando na vida da criança reformulações e mudanças negativas (ZAVASCHI, 2002).

Uma das únicas situações que o ser humano não tem controle e não tem como evitar, é a morte, um dia ela acontecerá fatalmente, de forma prevista ou não. Por isso, não falar sobre a morte para “proteger a criança”, poderá atrapalhar sua compreensão sobre o ciclo da vida, como retratados em diversos contos de Andersen. O nascimento e a morte são fatos da vida, e a morte não é uma doença. Embora sempre atribuam as causas à morte (HORTA, 1982 *apud* PAIVA, 2011). Ter um diálogo com crianças sobre a morte não significa que seja necessário entrar em argumentos ideológicos, metafísicos ou abstratos, nem mesmo em detalhes macabros e assustadores. Mas apenas colocar o assunto exposto, por meio de imagens e textos, de maneira lúdica e simbolicamente, na vida da criança (COSTA, 2019). É interessante que essa temática também esteja presente na escola, uma vez que os pequenos vivem grande parte de suas vidas nesse espaço. Envolvendo assim o psicólogo escolar e outros profissionais da área de educação, porém, por ser um assunto minucioso é preciso que haja um preparo por parte destes profissionais (KOVÁCS, 1992). A noção da morte surge na vida da criança desde muito cedo, através de situações que lhe permite perceber coisas que a cercam, porém, na maioria das vezes, a criança em suas percepções se sente confusa, este fato é exposto no conto *As flores da pequena Ida*, de Andersen. Assim, ao tentar evitar que a criança tenha conhecimentos sobre a morte, é o mesmo que negar a realidade a esta (KOVÁCS, 1992). Conforme Aberastury (2012), na maioria dos casos, os adultos não conseguem perceber que o luto infantil está ocorrendo, isso porque a criança tem uma maneira diferente para se expressar, ela utiliza da linguagem mímica e não verbal para se comunicar. Até mesmo em casos em que a criança é maior e fala mais fluentemente em seu cotidiano, em situações como a do luto, ela pode preferir expressar-se por meio de jogos, mímicas ou desenhos para demonstrar suas fantasias dolorosas. É importante salientar que diante da morte, a criança tem uma noção diferente da

percepção e do processo de luto, dado que as crianças são capazes de passar por o processo de luto tanto quanto um indivíduo adulto. Portanto, de acordo com Santos (2020) é possível delinear três estágios, os quais são as principais no percurso natural do luto infantil: 1. Protesto: a criança não aceita a morte e quer que a pessoa morta reviva; demonstra agitação, chora e busca qualquer coisa que a aproxime da pessoa ausente, como objetos, imagens ou sons. 2. Desorganização da personalidade e desespero: aqui criança inicia o processo de aceitação, e começa a internalizar o fato de que a pessoa amada realmente morreu; o desejo que a pessoa morta volte não diminui, porém, a esperança de que isso aconteça diminui. Não tem mais comportamentos de protesto, porém, torna-se retraída e apática, entretanto isso não significa que a criança tenha esquecido o falecido. 3. Esperança: a criança busca organizar sua vida sem a presença do falecido e começa a buscar novas relações.

Nesse sentido, pode-se afirmar que o luto durante a infância tem uma fase consideravelmente longa, que é a de idealização do ente querido, fase esta nomeada de “sobreinvestimento”, que proporciona dois fatores, o primeiro sendo a absorção do que foi perdido através de atos, lembranças, modo de ser, palavras, e outras coisas comuns ao morto. Já o segundo se trata da projeção afetiva para algo novo (PRISZKULNIK, 1992). Estas reações dependem de vários fatores: a ligação que a criança tinha com a pessoa; as circunstâncias e a causa da morte; o que é dito para a criança e as aberturas que são dadas para ela sanar suas dúvidas e falar; vínculo familiar após a perda; costumes de interação da família antes da perda (BROMBERG, 1997). O óbito de um dos pais ou cuidadores da criança é considerada a mais difícil de lidar, uma vez que é muito pouco provável que as coisas nunca mais serão como antes. Neste caso, a criança pode: 1. Continuar apegada ao progenitor morto através da fantasia. 2. Inverter a libido em outras coisas. 3. Ter receio de amar outros sujeitos. 4. Admitir a perda e conseguir amar outra pessoa (BOWLBY, 2004). A morte e o luto não elaborado ocorridos na infância podem fazer com que o indivíduo tenda mais a desenvolver distúrbios afetivos e a ficar mais vulnerável ou até mesmo provocar eventuais distúrbios psicológicos na vida adulta. Pessoas que sofreram perdas durante a infância e, têm distúrbios psiquiátricos, apresentem maior probabilidade de evidenciar ideias reais de suicídio, externarem alto grau de apego amargurado, ou até mesmo desenvolver circunstâncias depressivas graves, classificáveis como psicóticas (BOWLBY, 2004; PAIVA 2011). A temática morte, constantemente, aparece nas fábulas, nos livros infantis e nos contos de fadas mundialmente conhecidos. Ajudam, portanto, como possíveis instrumentos para se trabalhar com crianças acerca das várias mortes existentes (BOWDEN, 1993; PAIVA, 2011). A literatura infantil proporciona um artifício excelente para demonstrar a realidade da experiência da morte, porém, há uma necessidade de as histórias infantis abrangerem o reconhecimento e a que a pessoa que morreu não ressuscitará, mas deixará lembranças que vão conserva-se.

TEMAS RELEVANTES RETRATADOS NOS CONTOS SELECIONADOS: Os contos de fadas de Andersen, fazem com que o indivíduo se sinta dentro do contexto dos mesmos, em um mundo mágico e com o sentimento de "para sempre", juntamente com a oportunidade de desenvolvimento e aprendizado. Uma ponte para o crescimento, assim são reconhecidos os contos, pois toca no íntimo dos pequenos, assim como toca na criança interna do adulto (SANTOS, 2005). Diante disto, ressalta-se alguns dos temas considerados relevantes nos contos selecionados, que contribuem com o desenvolvimento, aprendizagem e crescimento, que estão retratados nos contos de Andersen.

O isqueiro: No conto O isqueiro, também encontrado como A caixa de fosforo em outras coletâneas, há uma referência de fogo, que traz consigo o significado de luz, calor, vida, busca do personagem, dentre outros. Para Ramos (2014), o fogo é um elemento essencial para o psiquismo humano de acordo com importantes psicanalistas, como o próprio Freud, pois está relacionado com processos de sublimação, que são desvios da pulsão para alvos não sexuais, realizados desde a infância. Na mesma obra também é retratada a conquista, deixando claro que, nem tudo o que vem fácil permanece, mas deve ser

conquistado, dando uma visão sobre o lidar com a frustração, de recompensa posterior ao sofrimento e de adiar gratificação. Neste sentido, entende-se que, as idealizações trazem grandes satisfação, mas também podem trazer muita frustração. O lugar da satisfação requer um sacrifício, para que haja o merecimento, só então esta conquista será permanente (CORSO e CORSO, 2013).

O pequeno Nicolau e o grande Nicolau e A sombra: Este conto também foi encontrado em outra variação, nomeada como O pequeno Claudio e o grande Claudio, porém em ambas as versões, o objetivo gira no entorno da enganação e sobrevivência, questionando a aceitação diante da imagem idealizada e da real do personagem principal, também há evidências de confrontação entre o ter como sinônimo do ser e poder. Esta obra se faz muito atual, podendo ser compreendida diante do status e curtidas nas redes sociais, com mensagem errônea de ser o que é representado pela imagem, mesmo que falso. A relação entre o herói e o vilão é diferente quando há tesouros que se anseiam. Quando o mocinho mata o monstro este fica como o do bem. Porém, quando se trata de mata-lo ou roubá-lo para conquistar bens, ambos acabam ficando na mesma posição, e o melhor ladrão é quem ganha. Pensando assim, pode-se considerar que, esse conto mostra alguém roubando sua própria herança ou pelo menos, construindo um patrimônio a partir de uma enganação (CORSO; CORSO, 2013). Atualmente, há uma imposição, que submete as pessoas a serem felizes todo o tempo, a dispersão da ideia de que o indivíduo deve manter sua autonomia, sua autoestima e seus bens materiais valiosos e mantê-los performaticamente, é uma maneira de entrosar na sociedade contemporânea. Entretanto, apenas os esforços para alcançar essas realizações não são o suficiente, há também a necessidade de expor estes conteúdos, que nem sempre condizem com o real sentimento ou as ações vivenciadas naquele momento, mas que são percebidas como forma de poder, e servem para conquistar a aceitação do outro e aumentar a aprovação social (BIRMAN, 2010). No conto também fica implícita a mensagem de que o pequeno e o grande se referem ao mesmo indivíduo, assim como no conto A sombra, em que em ambos a relação com a morte aparece no sufocamento pela falsa imagem, o que faz com que um dos personagens morra, para a sobrevivência do sujeito. Isso baseia-se na busca incessante do indivíduo por uma felicidade definitiva, mesmo se tratando de um conceito utópico, inatingível e generalizado. Tal fato colabora com a venda de uma falsa imagem personificada na forma de objetos supérfluos e superficiais, provocando o adoecimento psíquico do homem (FRANKE et al., 2021).

As flores da pequena Ida: O enredo traz em seu contexto o clico da vida, exageros e algumas das fases do luto como, a negação, questionamento, barganha e por fim, a aceitação. O luto é definido como um conjunto de reações diante de uma perda significativa e nenhum processo é igual ao outro, pois não existem relações idênticas. O luto também representa a falta de bem-estar e saúde e, por isso a cura é necessária no campo fisiológico, para é preciso um período de tempo é preciso para que o enlutado retorne ao estado similar de equilíbrio e chegue a fase de aceitação (GENEZINI, 2009).

O vento conta sobre Valdemar Daae e A avó: De modo semelhante ao As flores da pequena Ida, nos contos O vento conta sobre Valdemar Daae e suas filhas e A avó, a morte é retratada conforme ciclos do viver, aparecendo na velhice com uma vida digna representando a melhor hora da morte, punições, consequência dos atos e valorização da vida de todos o que também remete o ciclo da vida que, não é definido apenas pelo nascer e morrer, mas também é definido como o processo de desenvolvimento, como transformações, que ocorrem ao longo de toda a vida do sujeito e estão relacionados a um conjunto complexo de fatores (OLIVEIRA, 2004).

A história do ano: Também é um conto que retrata sobre os ciclos da vida, o envelhecimento, mudanças esperadas assim como as estações do ano, marcando a primavera um novo começo e a solidão com o ninho vazio. A síndrome do ninho vazio é citada com frequência na bibliografia como o momento de mudanças na vida da família após a saída dos filhos de casa, além disso, também pode agravar sintomas

de depressão e baixa autoestima se juntada com outros tipos mudanças (SARTORI, 2009).

O companheiro de viagem e As cegonhas: A história também remete a mensagem de que, o que faz em vida, na morte será recompensado. Nele a morte é aceita e não há temor diante do processo natural do viver ao morrer e a vivência do luto. Já no conto as cegonhas, é abordado a morte como um castigo e o nascimento como um presente. Nele é observado um paralelo com a vida moderna, no sentido do poder das palavras. Para Durkheim (1989), viver o luto, tem a importante função de levar as pessoas a se recomponem da perda e fortalecê-las, seja este vivenciar aceitando a morte de forma natural ou vê-la como uma punição.

A história de uma mãe: Talvez um dos contos mais realísticos de Andersen, nele também é explanado o processo de luto, em que a mulher perpassa do confronto, no instante que ela vai atrás da morte e tenta a impedir a qualquer custo, para a aceitação da perda, momento que ela deixa a morte recolher a rosa que representa a vida da criança, até a reparação, ou seja, constrói novos sentidos. É possível encontrar em muitas histórias maternas/familiares, o sentimento de que "eu fiz tudo o que estava ao meu alcance, por isso me perdo", pois em alguns casos a morte se torna um desfecho mais ameno diante de uma possibilidade trágica, nomeada como "morte com dignidade" (MENEZES, 2014). Neste também é observado a transicionalidade, que se trata de um termo criado pelo pediatra e psicanalista Winnicott (1896-1971), que se define por uma passagem da área interna para a externa, ou seja, uma área intermediária de experimentação que influência internamente e externamente. No conto este fenômeno ocorre quando a mãe decide que é melhor deixar o seu filho com a morte (WINNICOTT, 1975).

Os sapatos vermelhos: Além da aceitação da morte como final do tormento, da culpa e consequências por ter usado os sapatos, o conto também traz uma crítica ao autoflagelo, a vaidade e cobranças em torno do próprio bem-estar e pelo contexto histórico do momento, observa-se aspecto moralista e recriminador em torno da vaidade e pensamento voltado a satisfação pessoal antes de obedecer às regras. Para ver-se livre da sua escolha que a levou a tantas mazelas, a personagem sacrifica o que mais gosta de fazer, dançar, quando corta os pés. O autor também traz a mensagem sobre a responsabilidade pelos atos e como podem levar a consequências dolorosas. Há de se pensar que o contar histórias para crianças não se trata apenas de lhes dar prazer, mas também uma maneira de amparar os pequenos em seus anseios, ajudá-los a nomear o que não pode ser dito, expandir o espaço do pensamento e da fantasia. A irrealidade acaba sendo uma estratégia, para que algumas verdades se estabeleçam. Sem contar com a aproximação dos pais com os seus filhos, lugar este que atualmente os adultos lutam em ocupar na labuta de se conservarem adolescentes eternamente (CORSO, 2006 *apud* ARAÚJO et al., 2011).

A pequena sereia e A pastora e o limpador de chaminés: Talvez um dos contos mais conhecidos do autor, imortalizado no retrato da sereiazinha aventureira e apaixonada no filme da Disney, na sua versão original a protagonista de A pequena sereia fica sem vida antes mesmo de sua morte, por deixar tudo por amor a um homem de outra dimensão, ela perde sua vida ao perder a identidade: voz, negação das origens e cauda. Violências e auto sacrifícios a que ela mesma se impôs, caracterizando a perda de si, a morte de certa forma ocorre antes mesmo do fatídico fim com o auto sacrifício da vida. Este é um fenômeno designadamente atribuído ao homem, apenas o ser humano pode desejar sua própria morte, e matar-se a si mesmo por diversas causas (FERREIRA, 2008). Ela foi o anjo da guarda para o príncipe, porém, esqueceu de guardar a si mesma, perdendo sua voz, que era o seu mais precioso dom, e sofrendo terrivelmente, uma vez que suas pernas a faziam sentir muita dor ao caminhar. Ainda, ao perder a voz que lhe foi tirada pela Bruxa, a heroína deste conto, perdeu, também, a sua identidade, aquilo que a definia e mostrava quem ela era, pode-se presumir, portanto, ao não conseguir se comunicar a pequena sereia perde parte de si (CORSO; CORSO, 2013; KLINGER, 2021).

Neste conto, ao contrário de muitos, o príncipe não dá nada em troca daquele amor. Por fim, o enredo acaba retratando sobre a impossibilidade da quebra de determinados obstáculos, sejam culturais, raciais ou familiares, afirmando que pessoas de origens diferentes não devem se unir (CORSO; CORSO, 2013). Com A pequena sereia, abre-se um levantamento para o fato dos contos de Andersen abordarem o diminutivo em seus títulos e personagens principais, dando a entender que, para crescer é preciso me impor, como também é retratado na obra, A pastora e o limpador de chaminés, em que a independência e o crescimento, em algumas vezes, se dão em decorrência ao confronto com as figuras idealizadas da infância, como os pais, representados pelo avô da personagem principal. As histórias se tornam uma maneira de expressar coisas significativas aos filhos, dia após dia, até o ponto em que se percebe que estes deixaram de lhes ouvir, o que constitui que o domínio sobre eles acabou, mas o amor continuará, porém, estes já não são pequenos e já se impõem (CORSO; CORSO, 2013).

O Pinheiro, Uma História e Bons vizinhos: Já em O pinheiro encontra-se um aviso velado de que existem consequências para esse "crescer", refletidas nas responsabilidades da vida adulta, mas a principal penalidade foi o sentimento de descarte, um desfecho trágico, uma morte antecipada e a crítica a pressa e a vaidade, assim como no conto Uma história. Na trama de Bons vizinhos, ocorre o inverso, em que o pardalzinho, evidencia o seu medo em relação ao crescimento, a vontade de ficar estagnado, e a não aceitação das mudanças. Nesta mesma literatura, vemos retratado a injustiça, o não pertencimento a um determinado grupo ou recusa do grupo após mudanças pela mãe pardal, posteriormente o encontro de abrigo e ressignificação da relação com personagens antes menosprezados. Birolí (2013), aborda sobre autonomia, opressão e construção da identidade, de acordo com a autora, as pressões sociais, restringem a liberdade e os movimentos, e a própria noção de identidade, como auto percepção é como pertencimento consciente a um grupo, em que a percepção é o que define o indivíduo e ao que ele pertence, já a identidade que cada um tem de si mesmo pode ser modificada e reconstruída, através da tomada de consciência das experiências vivenciadas.

O boneco de neve: Semelhantemente aos personagens de O soldadinho de chumbo e A pequena sereia, em O boneco de neve o protagonista também vive o desprendimento e entrega ao amor, amor este de desapego de si e que gera perigo aos personagens, onde o autor romaneia a morte diante da vida sem conhecer o amor em ambos os casos mencionados. Ao abordar relacionamentos abusivos Araújo (2013) assinala que a violência conjugal tem alcançado grande reconhecimento a nível científico e social, considerada atualmente como um problema social que diariamente afeta muitos, porém, para várias pessoas ainda pode ser visto como um ato de amor e de resolução de impasses conjugais. Neste sentido, o personagem principal deste conto adota medida drástica e violenta, arrisca-se pela entrega e fascínio ao perigo da paixão pelas chamas. Aqui, diferentemente da personagem Olaf do filme Frozen que tem uma nuvem que garante a permanência da sua vida, esse boneco de neve não encontra condições a sua sobrevivência e acaba sucumbindo a desejo de estar junto aquela que lhe cativa, mesmo que para isso o preço seja o seu fim.

A margarida: É um conto que retrata a liberdade, onde tem-se a máxima de que sem liberdade não há vida. Neste sentido, compreende-se, a liberdade como possibilidade, por ela ter condições da lei moral, lei esta que se conhece e, por si mesma, ensina que o homem é livre. É, a capacidade de ambicionar, de querer, ao se descobrir, então recebe um nome: "vontade autônoma", porque assina suas próprias leis (FRACALOSSO, 2007).

O Anjo: Nesta trama é notório o angelismo de crianças, ato este que ficou marcando no século XIX, em que houve um movimento que crianças se sobressaíam de uma posição frágil, como se invocasse uma procedência divina do ser humano, fazendo-o lembrar a inocência primitiva como o aspecto mais nobre e carismático da condição do homem (DOLTO, 2005 *apud* ARAÚJO *et al.*, 2011).

Portanto, há uma tendência dos responsáveis de afastar os filhos de suas aflições, fantasias violentas e raivosas, como se a natureza do homem não fosse o próprio princípio, com isso, desejam que seus filhos acreditem que os homens são integralmente bons, sem expor que elas próprias reconhecem tais sentimentos em si mesmas, desmentindo o que lhes é passado pelos pais e, desse modo, a criança acaba se vendo como uma monstruosidade (BETTELHEIM, 2015).

A rainha da neve: É um conto que traz a passagem de um espelho amaldiçoado, em que, seus estilhaços representam partes do que o ser humano ainda conserva como os receios e a maldade, elementos estes que são ou devem ser pequenas partes a serem lembradas. Fica evidente o dualismo bem e mal, e que todos conservam partes boas e ruins. O ser humano é de forma inata, bom, mas também é essencialmente ruim, é um animal natural, e por ser assim, pertence a sua essência a violência e a maldade (PERINE, 1988). Crescer, enfrentar medos, mas conservar/reter em si aspectos da grandiosidade do infantil, como sonhar, ter esperança e certa pureza ou ingenuidade, é grandioso e desafiador, como não congelar diante dos pavores, no entanto, sem deixar de apreciar a vida e bondade característicos da criança para o autor. Na época de Andersen, ainda estava muito arraigada na cultura a visão do angelismo e pureza infantil, para Ariès (1981), antes, a moral da infância perseverava em sua fraqueza, que associava esta a sua inocência, espelhando a pureza divina. Esse entendimento tornava a infância uma brincadeira para o adulto e alimentava seus caprichos e o seu desprezo. Os três filmes O Reino Gelado, lançados na Rússia, foram baseados no conto A Rainha da Neve de Andersen. O terceiro, lançado em 2017, mostra a tentativa de seduzirem Gerda, que é a personagem principal tanto do conto quanto dos filmes, entretanto, o desejo da garota em reencontrar seus pais é maior, o que torna o foco da trama a relação familiar. Para Da Silva (2008), a família tem o poder de ser considerada o sistema que mais influencia espontaneamente no desenvolvimento da criança, o que a leva a ser o mais poderoso princípio de socialização para o desenvolvimento saudável dos pequenos, por isso a importância de voltar ao seio familiar em ambas as histórias.

A menina dos fósforos: A menina dos fósforos ou a pequena vendedora de fósforos, como encontrado em outras obras, retrata uma crítica social acerca do abandono da criança, remetendo a hipocrisia, por em pleno natal, data que se refere ao Cristianismo e a compaixão, a menina morrer desolada. O sentimento da compaixão está na essência da forma de pensar e agir, e isso inclui a filosofia e a religião cristã, porém, neste mesmo viés, existe uma fonte natural do agir humano, o egoísmo, que é o que condiciona toda a forma de conduta, incluindo o agir altruísta (MEDEIROS; ARALDI, 2012). A morte da criança também é observada como o retorno ao aconchego materno, pois ela volta aos braços da avó, que já era falecida, no momento de sua partida. Neste sentido, há uma recompensa posterior a vida, quando conservada a bondade, assim como é pregado em diversas religiões. A salvação e a recompensa após a morte são definidas como vida eterna para muitos, que são dadas no Paraíso ou Reino de Deus, concedido apenas aos justos e de bom coração (DE DEUS, 2004).

O rouxinol: No conto, o imperador não morre de fato, mas depara-se com uma nova oportunidade, o que vem de encontro a proposta do enredo que traz em si a reflexão sobre atitudes e o que de fato terá valor importância ao final da vida. Assim, o personagem ao se ver diante da morte e dos erros cometidos compromete-se com uma nova visão de vida, deixando de lado a vaidade. Mais uma vez, o conto reflete influências da época e cultura do autor, em que o mesmo utiliza o rouxinol em sua obra, tratando-se de uma ave muito apreciada, por ser um arauto da primavera, por isso é conhecido como o pássaro dessa estação, sua formosura e seu lindo cântico inspira a todos que o vê e o ouve, por isso também estimulou o senso de beleza dos japoneses, o que o deixa conhecido como símbolo da beleza (KAWAI, 2007).

A ave fênix: Assim como no conto O Rouxinol, na história A ave fênix o pássaro do título é o protagonista, e morre e renasce a partir de suas cinzas. Ainda, o autor novamente traz toda uma influência da

época, cultura e religião com críticas à vaidade em detrimento da beleza encontrada na simplicidade, conforme demonstra o trecho:

Ave fênix! Você não a conhece? A ave do Paraíso, o cisne sagrado da canção? Ela sentou no carro de Téspis, na forma de corvo tagarela, batendo as asas enegrecidas; o bico vermelho do cisne pairou sobre a harpa da Islândia; pousou no ombro de Shakespeare, disfarçado de corvo de Odin, e sussurrou em seu ouvido “Imortalidade!”; no banquete dos menestréis, ela revooou pelos salões de Wartburg. Ave Fênix! Não a conhece? Cantou-lhe a Marselhesa, e tu beijaste a pluma que de sua asa caiu; veio em todo o seu esplendor do Paraíso, e tu talvez lhe tenha dado as costas, para contemplar o pardal de enfeites dourados nas asas (SANDRONI, 2019, p. 175).

Neste trecho é notório as questões culturais trazidas no conto de Andersen, como a origem da ave fênix e suas características, além disso, a possibilidade de renovar, recriar para perpetuar em um outro momento e a capacidade de se reinventar em finais de ciclos são temáticas pertinentes presentes na obra.

O soldadinho de chumbo e O pacto de amizade: Nesta história, a morte do soldadinho e da bailarina que formavam casal de enamorados simboliza um novo sentido à vida, assim como A fênix, há um renascimento ou até mesmo o nascimento de um filho através do aparecimento do coração surgido das cinzas do casal, o que significa que ambos deixaram suas individualidades diante do nascimento de uma criança. Segundo Brown (2003), *apud*, Soncini (2018), tornar-se cuidadores de uma criança é uma das maiores transições no ciclo de vida que existe para o ser humano. A família é estimada como uma das instituições sociais mais relevantes e tradicionais, fazendo com que quando se decide expandir o núcleo familiar, a mudança dos papéis de homem e mulher para pai e mãe modifica a dinâmica individual e conjugal dessa nova família (ARRUDA; MARCON, 2007). A história O pacto de amizade possibilita a percepção de que, como em O soldadinho de chumbo, a mudança na vida dos personagens, que para sobrevivência, os protagonistas precisam tornar-se homem e mulher.

O livro mudo e A velha pedra do cemitério: Ambos os contos retratam o sentimento de saudade. O livro mudo na realidade não deixa de falar, mas apenas para alguns bons entendedores se faz falante. Cada vivência, objetos e pessoas terão diferentes significados a partir da relação de afeto nutrida pelo indivíduo. Assim como a pedra do segundo conto remetia ao casal de idosos que recordam saudosos os bons atos deles, despertando lembranças de afeto e empatia.

Um desgosto profundo: A história traz a honra, a memória com ritual de despedida, o desgosto e a dor por não poder se despedir, o que leva uma reflexão sobre a recente situação pandêmica, em que os ritos de luto foram quebrados devido a contaminação da COVID-19. A morte é um momento geralmente difícil de ser enfrentado, por isso a importância de participar dos rituais de despedida, dependendo do padrão de relacionamento existente entre a pessoa que está morrendo e sua família, do nível de aceitação do acontecimento, do seu papel, do tipo de morte e das crenças, o seu enfrentamento pode se dar de maneiras diferentes (LISBÔA, 2003).

Ela não servia para nada: Retrata a perda, o arrependimento, a resolução de impasse, o alívio, mas também a morte vazia da protagonista, assim como seus arrependimentos diante da negação do que poderia ter vivido. O arrependimento se trata de uma emoção negativa, que pode gerar problemas psicológicos, principalmente na velhice, devido os sentimentos de culpa, infelicidade, remorso e outros, estes sentimentos geralmente estão baseados na dedução antepassada e na capacidade de refletir sobre o que teria acontecido, se se tivesse feito uma escolha diferente (MAÇARRIA, 2015). Portanto, é possível observar que a literatura de Andersen traz em seu contexto temáticas relevantes e atuais, principalmente acerca dos processos da morte e do luto em situações de fantasias, idealização do EU, ciclos naturais da vida, negação e aceitação do processo, deixar de ser criança e encarar a vida adulta, relações e momentos não

vivididos e o fato de o homem ser naturalmente ruim. Entretanto, o autor também aborda sobre a oportunidade que se tem, ao deparar-se com a morte e o luto de resignificação e o renascimento de esperanças, novas vivências e até mesmo nova vida. Além disso, é retratado a importância de os rituais de despedidas serem realizados e processados, assim como o fato de que a saudade que viverá para sempre. Em suma deixa-se ressaltado que, Andersen traz em suas obras questões fortes e relevantes, como a necessidade de não demonizar a morte, mas também não a romantizar, visto que esta é uma preocupação e problema social grave, uma vez que casos de ideação suicida, suicídio e automutilação são decorrentes. Estima-se que aproximadamente 700 mil pessoas faleceram por suicídio em 2019, o que significa uma em cada 100 mortes, deixando o ato de tirar a própria vida dentre as dez causas de morte mais frequentes em diversos países (OMS, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na busca por compreender e compartilhar informações acerca da relevância da utilização de histórias no acompanhamento do processo da morte e do luto de crianças, adolescentes, jovens e até mesmo adultos, foram feitas interpretações de cada conto que aborda a temática. De um modo geral, os contos explanam estes de uma forma mágica, aparecendo de maneira indireta e camuflada, proporcionando o contato do sujeito com sua aflição principal, a saída deparada para lidar com ela e suas consequências, de forma lúdica, o que permite que o mesmo que tenha acesso com as literaturas se sinta confortável, porém, não deixando de vivenciar e elaborar seus sentimentos. Com relação a influências de aspectos históricos e culturais na forma como a morte é exposta para crianças nas obras de Andersen, estas são de suma importância, pois são elas que nortearam o mesmo a elaborar materiais fluidos e universais, permitindo que em qualquer ambiente sejam oportunos. Ainda, com o intuito de tornar essa técnica instrumental, faz-se necessário abordar a relevância de os profissionais de diferentes áreas, mas principalmente professores e psicólogos, trabalharem em parceria com as temáticas expostas nos contos, para que estes possam ter a oportunidade de contribuir com pessoas enlutadas.

Os contos infantis, ou como observado, não tão infantis, oferecem uma potencialidade da elaboração de conteúdos que permite a captura de vivências sem mesmo nunca ter contato com aquela situação, que podem então ser conectadas e significadas a outras representações, o que possibilita o favorecimento do equilíbrio psicossomático. A contribuição destes é notória, por isso a importância deste conhecimento ser compartilhado, para que amiúde pessoas façam uso desses instrumentos. Aqui espera-se que os contos sejam cada vez mais utilizados como instrumentos terapêuticos. Por isso, ser inspiração para trabalhos futuros, com a aplicação de contos com crianças enlutadas, é um dos objetivos deste estudo. Sabe-se que, nem todos os pequenos têm acesso a esse tipo de conteúdo, porém, que se entende que, na verdade, adultos que acreditam que estes não devem entender destes assuntos e nem passar por estes processos, em sua maioria, também foram privados de fazer o mesmo em situações semelhantes.

REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, Arminda. *Psicanálise da Criança: teoria e técnica*. 8ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.
- ARAÚJO, FrancielleMayumi Sakamoto Claro; AMARI, Fabio Nader; DE OLIVEIRA, Ana Maria Moreno. A função dos contos de fadas na constituição do sujeito psicanalítico: uma análise a partir do conto de Chapeuzinho Vermelho. *Akrópolis-Revista de Ciências Humanas da UNIPAR*, v. 19, n. 3, 2011.
- ARAÚJO, Helena Isabel Dias da Silva. *Violência nas relações de namoro: das motivações inerentes ao comportamento abusivo*. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso.
- ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. Librostecnics e científicos editora, 1981.
- ARIES, P. *O homem diante da morte*. Rio de Janeiro: Francisco Alves; 1981.

- ARRUDA, D.C.; MARCON, S.S. A família em expansão: experienciando intercorrências na gestação e no parto do bebê prematuro com muito baixo peso. *Texto & Contexto Enfermagem*, Maringá, v. 16, n. 1, mar. 2007.
- BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fada*. 21. ed. Tradução de Arlene Caetano. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2015.
- BIRMAN, Joel. Muitas felicidades?! O imperativo de ser feliz na contemporaneidade. In: Freire Filho, João (org.). *Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.
- BORGES, Heloisa Porto; RODRIGUES, Rodrigo Fonseca. A tradição dos contos de fada e a sobrevivência de matrizes culturais femininas nas narrativas cinematográficas infantis. *Revista Interdisciplinar INTERthesis*, v. 15, n. 3, p. 109-127, 2018.
- BIROLI, Flávia. Autonomia, opressão e identidades: a resignificação da experiência na teoria política feminista. *Revista Estudos Feministas*, v. 21, p. 81-105, 2013.
- BOWDEN, Vladimir. Children's literature: the death experience. *Pediatric nursing*, v. 19, n. 1, p. 17-21.
- BOWLBY, John. *Apego e perda: tristeza e depressão*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BRITTOS, Eritânia Silmara de et al. A Importância dos Contos de Fadas para o Desenvolvimento Psicossocial da criança: o que pensam, o que dizem e o que fazem as professoras? Tese (mestrado em educação) - Universidade do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Francisco Balraão, Paraná, p. 188. 2016.
- BROMBERG, M. H. P. F. O profissional de saúde e o enfrentamento da morte. *Revista de Psicologia Hospitalar*, São Paulo, v. 7, p. 4-8, 1997.
- BROWN, Mary. *Strategies for Marketing to Today's Moms. Insights from the Mom Power conference*, 11 abr. 2003.
- CARTER, Angela. *103 contos de fadas*. Cidade: Editora Companhia das Letras, 2007.
- CASTRO, M. da G. K. Psicoterapia de grupo com crianças mediada por contos. In: CASTRO, M da G. K.; STÜRMER, A. e cols. *Crianças e adolescentes em psicoterapia: a abordagem psicanalítica*. Porto Alegre: Artmed, 2010. (p. 238-256)
- COELHO, Nelly Novaes. *O conto de fadas: Símbolos, mitos, aquétipos*. Cidade: Editora Paulinas, 2012.
- CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. *A psicanálise na terra do nunca*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2011.
- CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. *Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2013.
- COSTA, Katylla Amanda Gomes. *As percepções e conflitos do adulto na comunicação da morte à criança. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de graduação em psicologia) – Universidade de Gurupi – UNIRG. Tocantins*, p. 26. 2019.
- DA SILVA, Leonidas Valverde. *Neopentecostais, representações da morte entre evangélicos. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de graduação em psicologia) - Universidade Presbiteriana Mackenzie*. São Paulo, p 37. 2016.
- DA SILVA, Nancy Capretz Batista et al. *Variáveis da família e seu impacto sobre o desenvolvimento infantil. Temas em Psicologia*, v. 16, n. 2, p. 215-229, 2008.
- DE DEUS, Paulo Roberto Soares. *Paraísos Medievais-esboço para uma tipologia dos lugares de recompensa dos justos no final da Idade Média*. *Mirabilia: ElectronicJournalofAntiquity, Middle&Modern Ages*, n. 4, p. 141-158, 2004.
- DURKHEIM, E. *As formas elementares de vida religiosa*. São Paulo: Paulinas; 1989.
- ESTÉS, Clarissa Pinkola. *Contos dos irmãos Grimm*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.
- FALCONI, Isabela Mendes. *Contos de Fadas: origem e contribuições para o desenvolvimento da criança. Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro*, v. 2, n. 1, p. 85-111, 2015. Disponível em: <http://repositorio.unifafibe.com.br:8080/xmlui/handle/123456789/455> Acesso em: 23 de out. 2020.
- FRACALOSSO, Ivanilde. *O homem como ser livre e social. Kant e-Prints*, p. 63-72, 2007.
- FERREIRA, Renato. *O suicídio. Trabalho de Licenciatura em Sociologia*. Coimbra: Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, 2008.
- FRANKE, Ana Laura Fonseca et al. *FELICIDADE COMPRADA: UMA ANÁLISE DOS REFLEXOS DA LGPD NA COMERCIALIZAÇÃO DA FELICIDADE DENTRO DAS REDES SOCIAIS*. *Revista de Direito da FAE*, v. 3, n. 1, p. 418-436, 2021.
- GALVÃO, C. M.; SAWADA; N. O.; TREVIZAN, M. A. Revisão sistemática: recurso que proporciona a incorporação das evidências na prática da enfermagem. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, v. 12, n. 3, p.549-556, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v12n3/v12n3a14>>. Acesso em: 11 out. 2020.
- GENEZINI, Debora. *Assistência ao luto. Manual de Cuidados Paliativos/Academia Nacional de Cuidados Paliativos*. Rio de Janeiro: Diagraphic, p. 321-330, 2009.
- GIL, Antonio Carlos et al. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.
- GONGORA, Ana Paula Sversuti; MARTHA, Alice Áurea Penteadó. *Temas e imagens polêmicas nos contos de Hans Christian Andersen. CELLI-COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS*, v. 3, p. 118-128, 2007.
- GUTFREIND, Celso. *Terapeuta E O Lobo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- HALL, Stuart. *O Ocidente e o resto: discurso e poder. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, v. 56, 2016.
- HISADA, S. *A utilização de histórias no processo psicoterápico: uma proposta Winni-cottiana*. Rio de Janeiro:Revinter, 1998.
- KAWAI, Hayao. *A psique japonesa: grandes temas dos contos de fadas japoneses*. PAULUS, 2007.
- KLINGER, E.F. *A Criança e a Morte: a expressão das perdas e conflitos por meio dos contos de fadas*. 212 f. Tese (Doutorado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC, Goiânia, 2021.
- KOVÁCS, Maria Júlia. *Morte e desenvolvimento humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.
- LISBÔA, Márcia Lucrecia; CREPALDI, Maria Aparecida. *Ritual de despedida em familiares de pacientes com prognóstico reservado*. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, v. 13, p. 97-109, 2003.
- MACHADO, A. M. *Contos de fadas: de Perrault, Grimm, Andersen e outros*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- MAÇARRIA, Diana Sofia Monteiro; MARQUES, Mariana Orientadora; MACEDO, Antônio. *Arrependimento, sintomas depressivos e ansiosos e déficit cognitivo numa amostra de idosos*. 2015. *Dissertação de Mestrado*. ISMT.
- MEDEIROS, Gabriel Heidrich; ARALDI, Clademir Luís. *A superação da compaixão, pelo retorno do egoísmo*. 2012.
- MENEZES, Rachel Aisengart. *A medicalização da esperança: reflexões em torno de vida, saúde/doença e morte*. *Amazônica-Revista de Antropologia*, v. 5, n. 2, p. 478-498, 2014.
- NEUMANN, Martin. *Nas margens da periferia? O conto guineense*. *Forma Breve*, n. 14, p. 339-357, 2017.
- NEWMAN, Sandra. *História da Literatura Ocidental sem as Partes Chatas*. São Paulo: Editora Cultrix, 2015.
- OLIVEIRA, Marta Kohl de. *Ciclos de vida: algumas questões sobre a psicologia do adulto*. *Educação e pesquisa*, v. 30, p. 211-229, 2004.
- OMS - ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. *Dados de suicídio*, 2019. Disponível em: https://www.who.int/mental_health/prevention/suicide/suicideprevent/en/. Acesso em: 21 set. 2021.
- PAIVA, Lucélia. *A arte de falar da morte para crianças*. Aparecida, SP: Letras e ideias, 2011.
- PAIVA, Maria Beatriz Facciolla. *Os contos de fadas: suas origens histórico-culturais e implicações psicopedagógicas para crianças em idade pré escolar*. RJ. 1990.

- PERINE, Marcelo. A dimensão ética do homem. Síntese: Revista de Filosofia, v. 15, n. 43, 1988.
- PRISZKULNIK, Léia. A criança diante da morte. *Pediatr. mod.*, v. 28, n. 6, p. 490-6, 1992.
- PROPP, Vladimir. Morfologia do conto maravilhoso. *Floresta*, v. 480, p. 709, 1983.
- RAMOS, David José Gonçalves. *Psicanalítica, curso de especialização em teoria; Psicanálise da conquista do Fogo*. 2014
- ROCHA, Maria Conceição Bacelar. *A importância dos contos de fada para a criança*. 2020
- RODRIGUES, Célia Cristina Cavaco da Palma. *O papel da mediação do conto no desenvolvimento de princípios éticos em idade pré-escolar*. 2015. Tese de Doutorado. Disponível em: <https://sapientia.ualg.pt/handle/10400.1/7932>. Acesso em: 23 de out. 2020.
- SAFRA, Gilberto. *Curando com histórias*. São Paulo: Sobornost, 2005.
- SANDRONI, Luciana. *Os 77 melhores contos de Hans Christian Andersen*. 1 edição. Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira Participações S.A. 2019.
- SANTOS, Jhennifer Lima Figueira; MUNER, Luana Comito. Luto. *Revista Cathedral*, v. 2, n. 4, p. 108-118, 2020.
- SANTOS, Paula Isabel. *Hans Christian Andersen e o poder terapêutico dos contos de fadas*. 2005.
- SARTORI, Adriana CR; ZILBERMAN, Monica L. Revisitando o conceito de síndrome do ninho vazio. *ArchivesofClinicalPsychiatry* (São Paulo), v. 36, p. 112-121, 2009.
- SONCINI, Juliana Reviglio et al. " Nasce um filho, nasce uma mãe": um estudo sobre os impactos do nascimento do primeiro filho na cesta de compra das mulheres. 2018.
- VON FRANZ, M-L. *A sombra do mal nos contos de fadas*. São Paulo: Paulinas, 1974.
- ZATTI, Cleonice; KERN, Cristina Dariano. A importância dos contos de fadas como instrumento de trabalho para a psicoterapia infantil. *Diaphora*, v. 14, n. 2, p. 6-17, 2014.
- ZAVASCHI, Maria Lucrécia Scherer et al. Associação entre trauma por perda na infância e depressão na vida adulta. *Brazilian Journalof Psychiatry*, v. 24, n. 4, p. 189-195, 2002. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-44462002000400009&script=sci_arttext. Acesso em: 23 de out. 2020.
